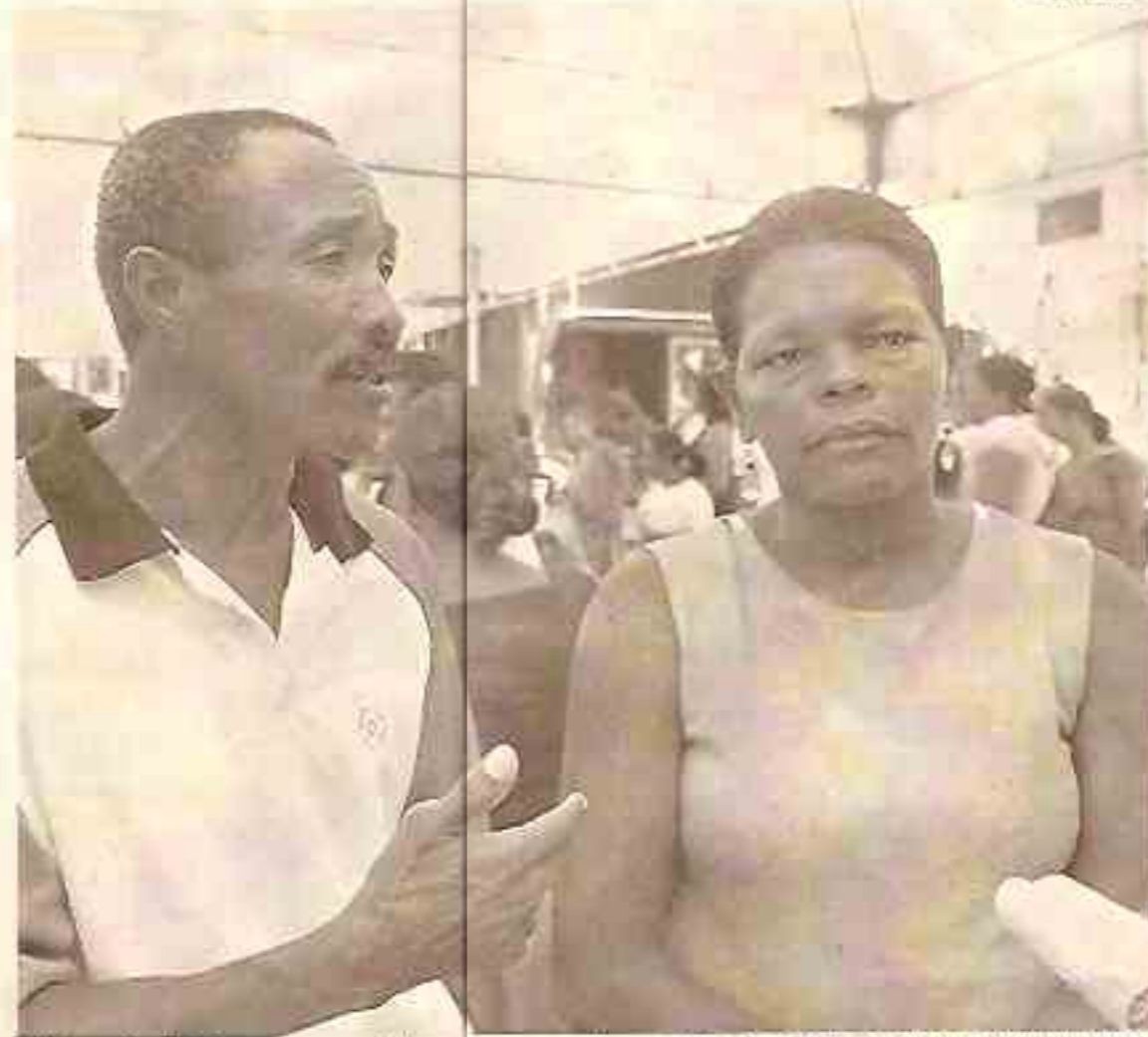




Moradores ampliaram conhecimentos sobre prevenção às DSTs e tratamento do câncer



Telma Sueli Sena, a merendeira que quase teve a casa demolida, ao lado do "salvador"

“Herói” da Palestina volta ao bairro

Tratorista Amilton Santos, conhecido por se recusar a derrubar casas no bairro, é homenageado no Dia da Cidadania

GILSON JORGE

Um ano depois de ter ficado nacionalmente famoso por se recusar a cumprir uma ordem judicial para a derrubada de casas, o tratorista Amilton Santos, 54 anos, voltou ao bairro da Palestina. Ele foi uma das atrações do Dia Mundial da Cidadania, celebrado ontem em referência ao seu gesto. Mas as dez famílias que foram beneficiadas pela sua desobediência continuam com medo. As escrituras de pos-

se prometidas pela prefeitura ainda não chegaram às suas mãos. Com 25 mil habitantes, o bairro é um dos mais pobres da cidade.

“Quando eu ligo para a prefeitura me dizem que a minha escritura já está pronta, mas que faltam as dos outros moradores e que serão entregues todas juntas”, afirmou Telma Sueli Santos Sena, 41 anos, que trabalha como merendeira em uma escola municipal. Ontem ela reencontrou o seu “herói” durante a

feira, que aconteceu no final de linha da Palestina.

Ao longo do dia, diversos serviços foram prestados gratuitamente à população pelo Poder Judiciário, pelo Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa) e por outros órgãos de assistência social. Foram fornecidas informações sobre prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e algumas espécies de câncer.

“O objetivo é causar uma reflexão sobre cidadania em toda a sociedade”, declarou a vereadora

Olivia Santana, presidente da Comissão de Cidadania da Câmara de Vereadores. “Muitas dessas pessoas não têm sequer condições de ir até o fórum”, disse a juíza Cenina Saraiva.

“Se eu tivesse meu próprio trator, ajudaria as pessoas aqui do bairro”, disse o tratorista Amilton Santos, que depois do episódio na Palestina voltou ao noticiário, um pouco depois, por estar presente na retirada de areia branca em uma área que supostamente era protegida por

lei. “Não eram dunas, se fossem eu não teria retirado”, disse, enquanto abraçava a dona de uma das casas que ajudou a preservar na Palestina.

O bairro que ganhou atenção na mídia em 2 de maio de 2003, por causa do episódio da ordem de derrubada de casas, fica às margens da BR-324, no limite da cidade. O nome Palestina é uma homenagem à nação do Oriente Médio, pois quando os primeiros moradores do bairro começaram a chegar, na década

de 60, quiseram fazer uma referência à luta pela terra.

Sem farmácia ou posto de saúde por perto, os moradores têm que se deslocar até Valéria quando precisam de algum tipo de atendimento médico ou simplesmente tomar uma injeção. “A pedreira que funciona aqui perto até já deu o terreno para construir o posto de saúde, mas até hoje nada”, reclama José Antonio de Souza, 65 anos, um ex-industriário que há dez anos não consegue trabalho.